



Educomunicação: Conceitos e Desafios¹

Maria José da SILVA²
Wilfredo MALDONADO³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Nesta breve análise, tentaremos fazer um diálogo entre o modelo educacional brasileiro com novas perspectivas que buscam, através da relação educação-comunicação, contrapor uma visão voltada para manter o sistema sócio-político e econômico atual. Colocando, desta forma, os sujeitos envolvidos, como agentes de sua ação, formulador de sua autonomia e liberdade. Traz a educomunicação como um campo para alimentar o protagonismo das crianças e jovens.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; educação; telejornalismo; movimentos sociais.

EDUCOMUNICAÇÃO: CONCEITOS E DESAFIOS

Educação e o processo de consciência

Sabe-se que não é fácil definir o termo educação, pois este é vinculado aos níveis e relações que os homens estabelecem na vida. É neste sentido, que se embasa o conceito inserido na Lei de Diretrizes e Bases -LDB- afirmando ser uma área que abrange os processos formativos que se desenvolvem na “*vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e nas organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais*”.

Para falarmos de educação e seu poder emancipatório, é necessário traçarmos um caminho que vá pelo processo de consciência (construído na escola, família, igreja, meios de comunicação e as relações sociais). Pois, é através deste, que surgem necessidades de transformar/ ou permanecer os rumos da sociedade. Segundo Mauro Iasi, sabemos que só é *possível conhecer algo se o inserirmos na história da sua formação, ou seja, no processo pelo qual ele se tornou o que é; assim é também com a*

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Graduando do Curso de Comunicação Social-UFPB, email: marypretty23@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social-UFPB, email: wilfredomaldonado@hotmail.com.



consciência: ela não “é”, “se torna”. Sendo assim, precisamos avaliar, primeiramente, com qual objetivo surge à escola, para, assim, sabermos o que é necessário alterar.

A escola funda-se na divisão entre o trabalho intelectual e o manual, na perspectiva de ruptura da relação teórico/prática que esta instituição carrega. Nesta divisão, a classe trabalhadora foi direcionada à parte prática e a dominante à esfera intelectual. Ou seja, a escola veio, assim, acolher o ócio dos que não precisavam trabalhar, aprimorando-lhes o corpo e o espírito. Desta forma, há o que se questionar, pois se a instituição de ensino foi fundada para suprir a necessidade de uma parcela da sociedade que não o povo, como pode ela fazer parte da ação de libertação, contribuindo com o seu processo de consciência?

“Parece-nos que na escola, por exemplo, ao nos inserirmos em relações preestabelecidas, não conseguimos ter a crítica de que é apenas uma forma de escola, mas a vivemos como “a escola”. Passamos a acreditar ser essa forma “natural” e acabamos por nos submeter. Na escola, as regras são determinadas por outros que não nós, outros que têm o poder de determinar o que pode ser feito... As normas externas interiorizam-se: a disciplina converte-nos em cidadãos disciplinados” (Iasi, 2007, p. 19).

É partindo do concreto-cotidiano, que temos uma visão mais ampliada da nossa condição de oprimido, sendo necessário recorrer da organização social para construir meios que a população se veja presente e atuante. Compreendendo desta forma, atrelado ao trabalho de conscientização coletiva, devemos nos atentar para outro paradigma educacional. Por isso, é indispensável pensarmos num modelo que estimule o protagonismo das crianças e dos jovens, mesmo sabendo que desconstruir o pensamento de obedecer e não atuar é algo em longo prazo.

“Evidentemente não assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimento, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira”. (ADORNO, 1995, p. 141).

Segundo Paulo Freire,

“quanto mais pensamos nas relações educador-educando, na escola ou fora dela, parece que mais nos convencemos de que “estas relações apresentam um caráter especial e marcante- o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras”. Desta maneira, a educação se torna “um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”, pois, em lugar de comunicar-se o educador faz “comunicados” e depósitos que os estudantes, meras incidências, recebem passivamente, memorizam e copiam”. (FREIRE, 2005, p. 65).



Nesta perspectiva, é necessário buscar um processo educativo que possibilite analisar as estruturas sociais em que estamos inseridos, sejam essas estruturas comunicacionais, educacionais, sociais, econômicas ou políticas. Por isto, se faz necessário, problematizar a realidade dos estudantes dentro e fora da sala de aula para que os conteúdos socializados não sejam retalhos da realidade, desconectados da totalidade, e tão pouco que as palavras problematizadas pelo “professor” sejam vazias, tornando-se verbosidade alienada e alienante (FREIRE, 2005, p. 66).

Comunicação- Educação: educação para as mídias

Dado o caráter formativo dos meios de comunicação e o fato de as mídias (televisão, cinema, internet...) estarem incluídas no cotidiano dos estudantes, e considerando-se ainda que tais processos possuam sempre uma determinada afinação ideológica, torna-se necessário analisá-los crítica e minuciosamente, uma vez que a (in)formação ultrapassa o mero plano da transmissão de fatos. Justifica-se, assim, a necessidade de se problematizar entre os educandos tanto as informações quanto os modos como elas são veiculadas por estes meios.

E para percebermos como a educação inter-relacionada com os campos de conhecimentos que estão nesta ação de constituição humana, dentre ele o que vamos nos focar neste estudo, a relação educação-comunicação, no cotidiano dos educandos, que devemos fazer a releitura de nossa realidade a partir das leituras dos meios. Esta prática pedagógica vai de encontro à pedagogia do diálogo de Paulo Freire que propõe uma reflexão através da conversa do aluno com os colegas e professores antecedendo e acompanhando as ações e tendo como referência o contexto social em que estão inseridos o educando e o educador. Ou seja,

“tanto escola quanto mídia são instâncias formadoras, ambas apresentam valores, conceitos e atitudes que são absorvidos sob diferentes matizes. As mídias são de livre escolha, regem-se pela lógica do mercado, contribuem para produção e reprodução da ideologia dominante, sendo atraentes e socialmente legitimadas: a escola é impositiva e, de certa forma sem atrativos, socialmente legitimadora do saber, do conhecimento, reproduzindo a ideologia dominante”. (Porto, 1998, p. 58)

De acordo com a autora, a presença massiva dos meios eletrônicos e de comunicação em nossas vidas vem alertando aos educadores para a sua importância na transmissão/construção de conhecimentos, valores, conceitos e culturas, pois “somos colocados de frente cotidianamente com inúmeras informações, que parecem não ter



nenhum contexto histórico, soltos no ar, estimulando, assim, o simulacro da mídia” (CHAUI, 2006, p. 14). E apesar dos jovens de hoje estarem acostumados a lidar com essa tecnologia e com esse bombardeamento de informações, muitas vezes, é necessário utilizar desses recursos para que o conhecimento passado na escola não se feche nele mesmo.

Em muitas situações escolares, o conhecimento chega às crianças e jovens, inseridos neste meio tecnológico, por meio de discursos vazios de significados, muitos dos quais emitidos pelos professores, livros e meios impressos, organizados racional e linearmente, o que os educando não estão mais acostumados. É preciso relacionar os conteúdos e sala de aula com a realidade vivenciada por esses jovens. Compreendendo que as linguagens da escola não podem se esgotar no oral e no escrito.

A comunicação expressa trocas sociais, tanto no nível simbólico, como nas relações interpessoais, grupais e institucionais. É por isso que,

“este ensino acerca dos veículos de comunicação e seus conteúdos deveria desenvolver as aptidões críticas; ele deveria conduzir as pessoas, por exemplo, à capacidade de desmascarar ideologias; deveria protegê-las ante identificações falsas e problemáticas, protegendo-as, sobretudo em face da propaganda geral de um mundo que a mera forma de veículos de comunicação de massa desta ordem já implica como dado” (ADORNO, 1995, p 79).

Ou seja, incluir o ensino da leitura e releitura crítica dos meios massivos de comunicação nas escolas é, assim, de essencial importância para desvendar ideologias enraizadas na formação dos cidadãos. Também serve para estimulá-los a uma prática de pensamento crítico e contextualizada com a sua realidade. Para o professor Ismar de Oliveira Soares, a Educomunicação propõe um espaço dialógico, aberto, criativo, rompendo com a hierarquização do saber no âmbito escolar "implantando ecossistemas comunicativos, abertos, dialógicos e criativos".

Educomunicação: surgimento e avanços

É nesta linha de pensamento, que surge o conceito de educomunicação, como campo interdisciplinar em pleno século XXI informatizado, visando, sobretudo, ao desenvolvimento do protagonismo e da cidadania de todos os seus envolvidos. O que contribui também como ferramenta pedagógica no ensino, na capacidade de aprendizagem, e na leitura de mundo. Este campo de conhecimento foi se aprimorando, principalmente, na América Latina por estudiosos como Paulo Freire e Martín-Barbero.



Aqui, no mundo latino-americano, as práticas de educação para as mídias estiveram vinculadas às propostas de comunicação alternativa e aos projetos de resistência cultural que foi marca reconhecida durante os anos 70 e 80.

Porém, como todas as áreas de conhecimento, a educomunicação tem sua identidade conforme a cultura local, tendo características diferenciadas tanto nos países desenvolvidos, quanto nos em desenvolvimento. No caso específico dos Estados Unidos, por exemplo, os estudos a respeito da educomunicação abrangeram duas áreas específicas: as mediações Tecnológicas nos espaços educativos e a educação frente aos meios de comunicação. A primeira, voltada para os estudos e preparação dos estudantes e professores para aproveitarem essa tecnologia tanto em nível escolar quanto na área de ampliar o campo da expressividade das novas gerações. A segunda, preocupada no impacto que os meios de comunicação têm na vida dessas crianças e adolescentes.

Na América Latina, além dessas áreas, os estudos detectaram outro ponto específico que é a gestão da comunicação nos espaços educativos, ou seja, o conjunto dos procedimentos voltados a criar o que Martín-Barbero define como “ecossistemas comunicativos”. Neste conceito, o autor afirma que “para enfrentar o desafio tecnológico devemos estar conscientes de dois tipos de dinâmicas que me vem às mudanças na sociedade: a incidência dos meios tradicionais e o impacto das novas tecnologias na vida em sociedade” (BARBERO, 2003, p. 156). Para o autor, podemos perceber esta teoria inserida na realidade/concreto na relação que as novas gerações têm com a tecnologia, como por exemplo, com o cartão de crédito ou até mesmo com mundos virtuais que crescem a cada momento, criando novas relações, tanto humanas quanto materiais.

Alguns exemplos podem ser destacados como é o caso da Venezuela que o Congresso Nacional aprovou um Estatuto da criança e do adolescente destacando a importância do ensino das mídias para a recepção e leitura crítica dos meios, garantindo-lhes a liberdade de expressão. Outro caso interessante é o de Cumbaya, Equador, que representantes das 1.200 escolas mantidas pela Congregação Salesiana (Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora), em todo o continente, incluem entre suas metas para os próximos cinco anos a implementação, em seus projetos educativos, de práticas de gestão comunicativa. Já no Brasil, temos o caso de São Paulo que a Secretaria de Educação do Município deu início, em 2006, a um projeto denominado Educomunicação pelas ondas do rádio (Educom.rádio).



São essas e outras experiências de educomunicação que muitos dos estados brasileiros estão adotando para lidar com as experiências das novas gerações, casando com o conteúdo escolar e com a realidade dos sujeitos. É tanto que, no Brasil a Lei de Diretrizes e Bases - LDB- abriu espaço para a introdução da educação para a comunicação nos currículos. Os Parâmetros Curriculares para o ensino fundamental deixam claro a aproximação ao mundo da comunicação; enquanto as reformas do ensino médio estabelecem que praticamente um terço do conteúdo dos currículos que vierem a ser elaborados levem em conta a presença das tecnologias e dos meios de comunicação na sociedade e na educação.

Segundo Ismar Soares, na área específica do que se denominou tradicionalmente como educação para os meios, uma análise dos programas em curso no continente, ao longo dos últimos 30 anos, aponta, na verdade, para três tendências, a saber: a vertente moralista (que parte da defesa contra o impacto negativo dos meios), a vertente culturalista (que busca garantir aos educandos os conhecimentos necessários para que os mesmos adquiram o hábito de ler de forma adequada as mensagens dos meios), e a vertente dialética (que parte do estudo das relações entre os receptores e os meios de comunicação, a partir de uma reflexão que leva em conta o lugar sócio-político-cultural em que se encontram os receptores e os produtores). Levando a última vertente em consideração que podemos analisar, por exemplo, como poderíamos aplicar a educomunicação em comunidades periféricas, ou até mesmo, as do campo, como escolas rurais.

Este campo de conhecimento tem como principais objetivos, de acordo com Ismar Soares, o acesso democrático à produção e difusão da informação; o desenvolvimento de práticas da educação para a recepção crítica das mensagens; a facilitação do processo ensino-aprendizagem através do uso dos meios de comunicação; e a promoção da expressão comunicativa dos envolvidos.

Telejornalismo e educação

De acordo com uma pesquisa realizada na cidade de São Paulo, com escolas do interior e da periferia, as crianças assistem a pelo menos 3 horas diárias de televisão e que 78% delas assistem a programas telejornalísticos, preferencialmente os que apresentam alto índice de violência, como Cidade Alerta, Ratinho e Linha Direta. A pesquisa trabalhou com 12 unidades de ensino da periferia da cidade e chegou à



conclusão que “a escola tem que assumir o papel de mediadora entre os educandos e a TV”.

Segundo a pesquisa, os educadores ignoram os hábitos das crianças, que assistem à televisão e não comentam em sala de aula. Também os pais, em geral, não têm conhecimento para realizar uma leitura crítica da programação midiática, e a mídia, principalmente a televisiva, no que se refere aos programas jornalísticos, não conta nem com vontade, nem com profissionais que propaguem o jornalismo cidadão. Destacou que há desconhecimento entre os próprios educadores do que seja o jornalismo e a sua importância e apresentou dificuldade de entendimento, não compreendendo de que tais metodologias poderiam ajudar a mostrar como o jornalismo pode ser usado como ferramenta pedagógica, ampliando a leitura crítica da mídia massiva.

Segundo a pedagoga Maria Verônica, o professor tem de levar em conta não só o conteúdo programático de sua matéria, mas deve analisar também a realidade em que a criança vive que é tão rica de possibilidades. Segue a linha de que a democratização midiática começa na escola, pois entendendo como se faz um programa jornalístico, os jovens e crianças conseguem identificar o que está malfeito. Desta forma, os educandos se tornarão telespectadores críticos. Compreendendo a relação da escola com a realidade que as experiências educacionais vão se desenvolvendo, pois a escola não pode estar deslocada da realidade e a mídia pode ajudar a fazer esta ponte.

A análise desta pesquisa ajuda a pensar metodologias para uma educação na área rural. Há ainda o que estudar e vivenciar os desafios para a inserção de práticas educativas em escolas do campo, pois, além das dificuldades que o próprio meio impõe, também surge a necessidade de relacionar os conteúdos teóricos, com os práticos envolvendo a análise das mídias para um entendimento de sociedade.

E, como os próprios movimentos sociais já produzem seus veículos comunicacionais, é interessante partir desses meios para a compreensão da realidade. É importante analisar como os integrantes dos movimentos se vêem dentro desses veículos, produzidos por eles mesmos, com um objetivo de defender a classe trabalhadora. Esse estudo de práticas no campo vai além de analisar como a mídia coloca seus conteúdos na grade de programação, mas também pensar seus próprios meios e produzir novos modelos comunicativos, associando ao processo de consciência e ajudando na organização dos sujeitos envolvidos no entendimento de classe oprimida.



REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W., 1903-1969. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1995. 190 p.
- CHAÚÍ, Marilena. **Simulacro e poder**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2006. 142 p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 46^o ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2005. 213 p.
- BARBERO, Jesús Martin. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Prefácio de Nestor García Canclini. 2^a ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003. 372 p.
- IASI, Mauro Lins. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. 1.ed. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2007. 176 p.
- KOLLING, Edgar J.; Néry, Irmão; Molina, Mônica C. (Organizadores). **Por uma educação básica no campo(memória)**. Ed. Unb, 1999. 95 p.
- PORTO, Tânia M. **Educação para a mídia/ pedagogia da comunicação: caminhos e desafios**. In: **Pedagogia da Comunicação: Teoria e prática**. São Paulo: Ed. Cortez, 1998.
- AZEVEDO, Dra. Maria Verônica Rezende de. **Telejornalismo e educação para a cidadania: uma experiência de Educomunicação**. Tese de Doutorado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação**. 2000.
- _____ . **Mas, afinal, o que é educomunicação?**. <http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/>
- PORTALONI, Maria Fernanda Bombonatti; SILVA, Michel Carvalho da. **Educomunicação: quando o telespectador se transforma em protagonista**. Monografia. Centro de Ciências da Comunicação e Artes da Universidade Católica de Santos. Santos, 2006.